

**CBN Brasil**

**2005\_08\_15**

Sardenberg: Cláudio Sales, boa tarde!

Sales: Boa tarde, Sardenberg!

Sardenberg: A Câmara representa investidores privados em energia, tanto na produção quanto na distribuição, certo?

Sales: Exatamente.

Sardenberg: Eu tenho dois assuntos. Um, são os investimentos em energia, novos investimentos, e o outro, o preço da energia. Sempre tem essa discussão. Nós temos a informação agora no jornal de que a carga tributária, em 2004, aumentou, está em 36% do PIB e a minha pergunta é a seguinte: No preço de energia é mais que 36, não é?

Sales: É bem mais que 36, Sardenberg.

Sardenberg: De cada um real que a gente paga de conta de luz, quanto vai para o governo?

Sales: Quase cinqüenta centavos, em média. É um número assustador. Bem mais de 40% do que o consumidor paga vai para impostos e encargos diversos, subsídios diversos, que são cobrados na conta de energia.

Sardenberg: Qual é o principal imposto da conta de luz?

Sales: O principal imposto de todos é o ICMS e, lamentavelmente, há indícios de que ele pode subir ainda mais. Você sabe que na reforma tributária há o dispositivo de se unificar o ICMS em 25%. O ICMS, médio, pago na conta de energia no Brasil, que se vê nas tarifas, é médio porque nas diferentes categorias - consumidor residencial, consumidor industrial, comercial etc -, alguns consumidores podem se ressarcir ao longo da cadeia. Não o residencial, lamentavelmente, mas o industrial, o comercial. Então, na média, é da ordem de 21%. Com a unificação isso significaria um aumento global de pelo menos 4% na conta de luz.

Sardenberg: Quer dizer que eles têm ali uma chance de aumentar mais 4%?

Sales: Ainda mais 4%, na média.

Sardenberg: E claro que eles vão aumentar, né?

Sales: Espero que não. O drama é maior quando pensamos no consumidor residencial. Porque como lhe disse, a média é 21%, mas o consumidor residencial não tem como se ressarcir do ICMS que ele paga. Portanto, para ele, o aumento é enorme. Se você pensar

no consumidor baixa renda, por exemplo, que é aquele que recebe energia subsidiada, o aumento na tarifa, por conta do aumento do ICMS, deve ser de 15%.

Sardenberg: Nossa senhora! Bom, aí não pode, né?! Agora, além dos impostos, você falou em encargos. O que são encargos?

Sales: Encargos são ou subsídios ou encargos mesmo, cobrados na tarifa de energia dos consumidores de uma maneira geral, para subsidiar determinadas atividades. Eu vou lhe dar um exemplo, que fica mais fácil de entender. Por exemplo, você tem o caso dos consumidores da energia que é gerada nos chamados sistemas isolados. Região amazônica, por exemplo, que não está interconectada na grande rede de transmissão de energia. Essa geração de energia é feita com base em usinas térmicas, a maior parte delas de baixo rendimento. São motores antigos que queimam óleo combustível.

Sardenberg: Isso lá na Amazônia?

Sales: Na região amazônica.

Sardenberg: E isso é caro?

Sales: Isso é muito caro, muito caro. Para lhe dar um referencial, enquanto você pode fazer uma usina eficiente aqui ou à gás ou hidrelétrica, gerando da ordem de cento e poucos reais por megawatt/hora, a energia gerada nesses lugares custa 500 reais, às vezes, 600 reais por megawatt/hora. Esse combustível é subsidiado e quem paga por esse combustível são todos os consumidores do Brasil inteiro. O distribuidor de energia recolhe, na tarifa, um encargo que é destinado a cobrir os custos deste combustível. Ora, o que é um objetivo louvável, na sua definição, deixa de ser quando a gente percebe o desmando e a maneira como esse gasto é feito. Não há controle para o combustível que é destinado a essas usinas e, antes disso, até mais grave, não há sinal econômico correto, no que diz respeito a você ter usinas lá mais baratas, que consumam menos, para que não custem tão caro ao consumidor brasileiro.

Sardenberg: Quer dizer, isso é outra parte da conta?

Sales: Outra parte da conta. E como esse, há vários outros encargos que estão embutidos na conta e que não se percebe.

Sardenberg: Agora, não tem perspectiva de que isso mude? Ou seja, o consumidor não pode ter perspectiva de que vai cair o preço da energia?

Sales: Olha, eu quero ser otimista e crer que sim. Hoje, como dissemos, cerca de bem mais de 40% do que se paga é de impostos e encargos. Por outro lado, o custo de energia, no mundo inteiro, cresce. A energia vai se tornar, primeiro, um insumo mais que indispensável. Segundo, por força dos cuidados ambientais, de outras questões que se

tem que ter, a sua produção vai ficando cada vez mais cara. Como é que nós temos que enfrentar esse problema? A única maneira de enfrentar, considerando que o consumidor brasileiro não tem mais como arcar com mais aumento ou com aumentos desnecessários na conta de luz, é na diminuição do peso morto, é na diminuição de todo e qualquer custo, impostos e encargos, que produzam peso morto e que não gere eficiência, que não venham na direção de produzir mais energia, mais barata. Então, na medida em que a sociedade brasileira tenha consciência disso, isso me permite ficar otimista em relação a esta mudança.

Sardenberg: Tá certo. Bom, uma última coisa, nós estamos aqui já meio sem tempo. Respondendo rapidamente, Cláudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, está ocorrendo, há investimentos novos na produção de energia elétrica?

Sales: Não! Há trinta meses não se começa nenhum projeto de grande porte em geração de energia.

Sardenberg: Projeto de grande porte é uma hidrelétrica ou uma termelétrica?

Sales: Tanto faz, uma hidrelétrica ou uma termoelétrica, mas de grande porte estou dizendo coisas acima de 400, 500 megawatt. É porque são números significativos para o aumento da demanda aqui do Brasil. As usinas que estão ficando prontas são usinas que foram construídas com base nas regras antigas. Tem usinas que ainda estão por começar. Vai haver um leilão de energia agora em dezembro e a gente já sabe que a folga de energia que o Brasil tinha se esgota agora em 2009. O leilão acontecendo em dezembro e uma hidrelétrica que comece no final de 2006 não tem como ficar pronta para o início de 2009. Isso dá a medida da gravidade do momento que já estamos vivendo.

Sardenberg: Quer dizer, somados aqui, tem energia até 2009, mas de lá pra frente é duvidoso?

Sales: De lá pra frente, eu acho que nós temos que correr muito, não desperdiçar um dia se quer para gente poder caminhar para um nível de risco que seja razoável.